

Em busca do *telos*: ‘em α tempo’ e operadores aspectuais no português brasileiro

In pursuit of *telos*: ‘in α time’ and aspectual operators in Brazilian Portuguese

Uiara do Nascimento Nunes*
Leonardo Alves[†]

Resumo

Este *squib* investiga a interação entre o adjunto temporal *em α tempo* e os predicados do tipo *accomplishment* no português brasileiro, fundamentando-se no modelo de operadores aspectuais de Altshuler (2014) e na análise de Basso e Pires de Oliveira (2010). Segundo o modelo, o operador perfectivo de Altshuler mapeia os eventos para seus estágios maximais sem exigir necessariamente que eles alcancem a culminação. Em contraste, o adjunto *em α tempo* delimita o intervalo temporal em que o evento ocorre e reforça a leitura télica, ou seja, a expectativa de que o evento seja completado. Assim, mesmo em contextos nos quais a culminação não está intrinsecamente garantida pelo predicado verbal, *em α tempo* atua como um modificador que explicita a duração e exige a culminação do evento. A integração dessas abordagens contribui para uma descrição mais refinada da relação entre operadores aspectuais e modificadores temporais no PB, contribuindo para uma maior compreensão das propriedades semânticas dos verbos de *accomplishment* no PB.

Palavras-chave: aspecto; *em α tempo*; operador perfectivo; semântica formal; telicidade.

Abstract

This squib investigates the interaction between the temporal adjunct *in α time* and accomplishment predicates in Brazilian Portuguese, drawing on Altshuler’s (2014) model of aspectual operators and the analysis by Basso and Pires de Oliveira (2010). According to the model, Altshuler’s perfective operator maps events to their maximal stages without necessarily requiring that they reach culmination. In contrast,

*Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. E-mail: uiaranunes@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-9159-0073>. Graduada em Letras — Inglês, com pós-graduação em Tradução e em Ensino de Português como Língua Estrangeira. Bolsista Capes. Atualmente, leciona português como língua estrangeira e cursa o mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com foco em semântica formal.

[†]Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. E-mail: dadoleo91@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-8933-7489>. Graduado em Relações Internacionais. Bolsista Capes. Integrante do GT Geopolíticas do Multilinguismo, da Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo (UCLPM) e do Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (PoLi-Ticas). Cursa o mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com foco em políticas linguísticas.

the temporal adjunct *in α time* delineates the temporal interval in which the event occurs and reinforces the telic reading — that is, the expectation that the event will be completed. Thus, even in contexts where the culmination is not intrinsically guaranteed by the verbal predicate, *in α time* functions as a modifier that makes the duration explicit and requires the event’s culmination. The integration of these approaches contributes to a more refined description of the relationship between aspectual operators and temporal modifiers in Brazilian Portuguese, leading to a deeper understanding of the semantic properties of accomplishment verbs in this language.

Keywords: aspect; *in α time*; perfective operator; formal semantics; telicity.

1 Introdução

Adjuntos temporais desempenham um papel relevante na delimitação das propriedades aspectuais de predicados verbais. O adjunto em inglês *in α time*, mais especificamente, tem sido descrito na literatura como um elemento que diz respeito à delimitação temporal de eventos, denotando duração e estando associado à ideia de *telos* (culminação), ou seja, à ideia de que o evento não só deixou de se desenvolver, mas também foi considerado finalizado. Sua função semântica seria expressar que o evento denotado, télico em sua essência, ocorreu dentro do intervalo temporal especificado. E sua combinação seria restrita a sintagmas verbais que denotam eventos télicos, pois dependeria da existência de um ponto culminante inerente ao predicado verbal (Rothstein, 2004).

No caso do português brasileiro (PB), como argumentam Basso e Pires de Oliveira (2010), uma vez que o *telos* não é intrínseco ao predicado verbal nessa língua, *em α tempo* atuaria como um marcador temporal que conecta a delimitação de tempo a uma expectativa de culminação, forçando uma leitura télica. Os autores problematizam a visão tradicional da literatura, a qual associa certos predicados verbais, como aqueles categorizados por Vendler (1957) como *accomplishment*, à condição necessária de culminação do evento. Por isso, seria preciso desenvolver uma análise mais fina para o PB, e contrária à literatura tradicional, que desse conta da combinação de *em α tempo* com verbos que não culminam. Repetimos aqui um exemplo em (1), em que a culminação pode não ocorrer (Pires de Oliveira; Basso, 2010, p. 126).

(1) João construiu a casa, mas não terminou/mas não inteira/mas não completamente.

Diante desse quadro, é pertinente buscar entender melhor o aspecto dos predicados verbais e sua relação com o *telos*, assim como a proposta de Altshuler (2014), a qual sugere operadores aspectuais que desvinculam a perfectividade da noção de culminação obrigatória. Em seu modelo, o operador perfectivo mapeia o conjunto de eventos descrito pelo VP para seu estágio maximal, o qual possui uma leitura télica, mas o *telos*, em termos de semântica de mundo possíveis, não necessariamente é alcançado no mundo atual. Acreditamos que essa formalização seja uma ferramenta teórica promissora para compreender melhor a interação entre predicados verbais do tipo *accomplishment* e modificadores como *em α tempo*, especialmente em casos nos quais o *telos* não é intrínseco ao VP, mas pode ser garantido composicionalmente, como no PB.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar a interação entre o adjunto *em α tempo* e predicados do tipo *accomplishment* no PB, à luz do modelo de operadores aspectuais de Altshuler (2014). Argumentamos que o operador perfectivo nos fornece uma base teórica mais fina que acomoda tanto eventos culminados quanto não culminados, e que o adjunto *em α tempo* atua como um modificador que delimita temporalmente o evento denotado, adicionando uma leitura télica à expectativa de culminação gerada pelo predicado verbal. Essa abordagem busca sustentar a proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010), segundo a qual *em α tempo* explicita a culminação do predicado verbal.

Dessa forma, ao integrar as perspectivas de Altshuler (2014) e as de Basso e Pires de Oliveira (2010), buscamos contribuir para uma formalização que articule operadores aspectuais e modificadores temporais no PB, oferecendo uma compreensão mais refinada do papel de *em α tempo* no PB.

Este *squib* está dividido em cinco seções, além desta introdução. Na seção 2, apresentamos a base teórica, discutindo a noção de telicidade e estrutura interna dos eventos a partir de Vendler (1957), Krifka (1989, 1998) e Rothstein (2004), bem como a formalização do operador perfectivo proposta por Altshuler (2014). A seção 3 analisa o adjunto *em α tempo* e sua relação com o *telos*, em diálogo com Rothstein (2004) e com a proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010). Na seção 4, aplicamos o modelo de Altshuler (2014) ao português brasileiro, observando como *em α tempo* impõe composicionalmente a culminação em predicados do tipo *accomplishment*, com base em dados discutidos por Rodrigues de Souza (2018). A seção 5 apresenta as conclusões do trabalho e, por fim, a seção 6 traz considerações finais e sugestões de continuidade da pesquisa.

2 Base teórica

2.1 Telicidade e estrutura interna dos eventos

A ideia de ponto final intrínseco a eventos denotados por predicados verbais, mais tarde consolidada como *telicidade* (Krifka, 1989, 1998), foi inicialmente discutida por Vendler (1957) como um critério a ser levado em consideração na análise de predicados verbais, especificamente aqueles identificados como *accomplishments* e *achievements*. Esse conceito remete à presença de um ponto culminante, ou *telos*, que caracteriza eventos cujo significado implica a realização de um estado final definido. Por exemplo, na sentença *João atravessou a rua*, a ação expressa pelo verbo pressupõe a existência de um ponto final em que João necessariamente concluiu a ação de atravessar a rua. Nesse sentido, dizer que João não concluiu essa ação significa dizer que a sentença é falsa.

Os predicados verbais que nos interessam, os do tipo *accomplishments*, segundo Vendler (1957), denotam eventos caracterizados por possuírem um processo que se desenrola ao longo de um período de tempo definido e que culminam. Por exemplo, em *Maria escreveu uma carta*, o predicado verbal descreve um evento que passa por um processo (como escrever uma introdução, o desenvolvimento e assim por diante) e, finalmente, culmina com a conclusão da carta. Esses predicados verbais exigem um intervalo durante o qual o processo ocorre, seguido de um término natural, diferenciando-se dos *achievements*, que são eventos de culminação instantânea.

A *homogeneidade* e a *heterogeneidade* também são conceitos fundamentais na semântica formal e são usados para explicitar ainda mais as diferentes propriedades dos predicados verbais. A homogeneidade é associada a predicados atéticos, como *correr*, nos quais qualquer subparte do evento também satisfaz as mesmas condições de verdade que o evento como um todo. Por exemplo, se *Maria está correndo* é verdadeiro para um intervalo de tempo t , também será verdadeiro para qualquer subintervalo desse tempo, desde que Maria continue correndo durante esses momentos menores. Predicados homogêneos, tipicamente associados a eventos atéticos ou estados, possuem a propriedade de *cumulatividade*, ou seja, somar partes do evento ou estado não altera sua natureza semântica. Já a heterogeneidade, refere-se ao fato de que o evento denotado por um predicado pode ser composto por partes diferentes. Isso significa que o evento não é uniformemente cumulativo ou divisível em partes idênticas, mas pode variar internamente, como o evento de escrever uma carta.

Isso nos leva ao conceito de *atomicidade*, conforme explorado por Krifka (1989, 1998), que diz respeito à (in)divisibilidade do evento em partes menores equivalentes. Eventos atômicos não têm subpartes significativas, enquanto eventos não atômicos podem ser decompostos em partes uniformes. Por exemplo, em *Maria escreveu uma carta*, o evento completo de escrever a carta é atômico porque ele não pode ser dividido em partes menores, como escrever a introdução da carta, sem que o evento descrito perca seu sentido integral. Krifka propôs que predicados télicos podem ser modelados em termos de *quantização*, ou seja, que eventos atômicos têm uma estrutura finita e delimitada que permite a individuação de unidades mínimas, em contraste com os predicados cumulativos, típicos de eventos homogêneos e atéticos.

Rothstein (1999 *apud* Altshuler, 2014) aprofunda a análise aspectual dos predicados verbais e, especialmente em relação aos verbos de *accomplishment*, propõe uma categorização que faz uma distinção entre partes *próprias* e partes *não próprias* dos eventos. As partes próprias são aquelas que contribuem estruturalmente para o desenvolvimento e culminação do evento, enquanto as partes não próprias não possuem essa relação essencial com o todo. Por exemplo, o ato de escrever uma introdução de uma carta seria uma parte própria do evento de escrever a carta, ao passo que abrir uma janela durante a escrita dessa carta seria uma parte não própria do evento. Altshuler (2014) utiliza essa distinção ao parametrizar o operador progressivo descrito por Landman (1992 *apud* Altshuler, 2014, p. 738), criando uma tipologia de operadores aspectuais baseada em dois critérios principais: (1) se o operador requer partes próprias do evento ($e' \subset e$), o que implica que o predicado verbal é heterogêneo e apresenta estágios estruturados rumo à culminação; e (2) se o operador impõe uma condição de estágio maximal (*maximal stage requirement*), a qual é satisfeita quando o evento culmina ou deixa de se desenvolver no mundo atual.

Com base nesses parâmetros, Altshuler (2014) propõe que os VPs de *accomplishment* podem ser analisados em termos de subpartes próprias, dependendo do operador aspectual em questão. No caso do progressivo em inglês, conforme proposto por Landman (1992), exige-se que e' seja uma subparte própria do evento ($e' \subset e$), ou seja, que seja uma parte do evento maior, mas sem incluir sua culminação. Além disso, essa subparte deve contribuir necessariamente para a culminação do evento em um mundo possível próximo, implicando continuidade estrutural e desenvolvimento rumo à conclusão do evento. Em contrapartida, o imperfeito russo é mais flexível, permitindo que e' seja qualquer parte do evento ($e' \subseteq e$), incluindo o próprio evento completo, e que não esteja diretamente ligado à culminação. Isso significa que, diferentemente do progressivo,

o operador imperfeito russo não impõe a necessidade de que o evento esteja em um estágio que o levará necessariamente à culminação. Essa diferença reflete-se na análise dos operadores aspectuais como funções partitivas que operam sobre conjuntos de eventos e suas subpartes, explicando variações linguísticas no uso do aspecto e no tratamento de eventos não culminados.

A abordagem de Altshuler (2014) integra os avanços teóricos de Landman (1992) e Rothstein (2004) ao oferecer uma análise sistemática e formalmente fundamentada sobre a interação entre operadores aspectuais e a estrutura interna dos eventos. Essa proposta também substitui a noção amplamente debatida de *aspecto neutro*¹ (Smith, 1991), ao introduzir critérios formais baseados na relação entre eventos, suas partes constitutivas e as condições modais que determinam sua evolução em mundos possíveis.

No contexto do PB, experimentos (Rodrigues de Souza, 2018, p. 10) mostram que, em sentenças com verbos de *accomplishment* no aspecto perfectivo, o alcance do *telos* não é uma condição obrigatória, o que contraria pressupostos clássicos da literatura aspectual, como os de Rothstein (2004). No entanto, a combinação entre tais predicados e o adjunto em α tempo nos levaria sempre a uma leitura télica. Nesse sentido, Rodrigues de Souza (2018, p. 41) confirma que esse predicado verbal gera leituras indeterminadas, permitindo tanto a interpretação de culminação quanto a de não culminação. O experimento segue a hipótese de Pires de Oliveira e Basso (2010), a qual aponta para essa leitura indeterminada e que, por isso, rejeita abordagens que tratam o adjunto como um simples indicador de tempo para que um evento alcance o *telos*, argumentando que *em α tempo* atua diretamente sobre o evento ao qual se aplica. No caso dos predicados de *accomplishment*, o adjunto mediria a duração necessária para que o evento alcançasse sua culminação e também forçaria a leitura télica do VP.

A proposta de Altshuler, ao integrar um operador modal de análise aspectual, oferece uma explicação robusta para o caso do PB. Esse operador formaliza a relação entre as fases dos eventos e suas culminações. Assim, ele acomoda interpretações flexíveis do PB, reconhecendo que o pretérito perfeito não necessariamente acarreta o alcance do *telos*, mas também pode expressar apenas a cessação do desenvolvimento do evento. Dessa forma, a abordagem de Altshuler complementa os resultados de Rodrigues de Souza (2018) e a hipótese de Pires de Oliveira e Basso (2010) ao formalizar a relação entre telicidade e perfectividade, preenchendo lacunas deixadas por análises anteriores, baseadas em regras rígidas de compatibilidade entre predicados e o adjunto em questão.

2.2 Operador perfectivo em Altshuler: formalização e aplicações

Altshuler (2014), ao propor sua tipologia de operadores aspectuais partitivos, apresenta um quadro com seus respectivos parâmetros. Esse quadro considera três dimensões principais: (1) a exigência de *eventos singulares*; (2) o requisito de *estágio maximal*; e (3) o possível envolvimento de *estágios próprios*. É importante, neste ponto, chamar atenção

¹Smith (1991) propõe o conceito de aspecto neutro como uma categoria que emerge da interação entre o aspecto situacional e o aspecto gramatical. O aspecto neutro é caracterizado pela ausência de marcadores explícitos que indiquem se o evento foi concluído ou está em progresso, permitindo interpretações mais flexíveis dependendo do contexto discursivo. Essa categoria é distinta dos aspectos perfectivo e imperfeito, pois não se compromete com uma perspectiva temporal específica, sendo útil para línguas em que o aspecto gramatical é opcional ou ausente.

para o fato de que o *estágio maximal* não exige que o evento alcance o *telos* no mundo atual, ou seja, o evento pode simplesmente deixar de se desenvolver no mundo atual e alcançar o *telos* em um mundo acessível a partir do atual. Com base nesses parâmetros, os operadores perfectivos e imperfectivos podem ser organizados de acordo com sua interação com diferentes classes de predicados verbais.

O operador perfectivo, mais especificamente, é formalizado (Altshuler, 2014, p. 754) como uma função que é aplicada à extensão de um VP (conjunto de eventos) e que pode retornar o estágio maximal do evento em um mundo próximo ao atual:

$$Op(P) = \lambda P. \lambda e'. \exists e. \exists w. [STAGE(e', e, w^*, w, P)]$$

Onde e' é um estágio de e , e pertence ao conjunto de eventos P no mundo w e w^* é o mundo atual. E $[[STAGE(e', e, w^*, w, P)]]^{M, g} = 1$ sse:

- (i) a história denotada em w , $g(w)$, é a mesma que a história em $g(w^*)$, até e incluindo o intervalo de tempo de $\tau(g(e'))$
- (ii) $g(w)$ é uma opção razoável para $g(e')$ em $g(w^*)$
- (iii) $[[P]]^{M, g}(e, w) = 1$
- (iv) $g(e') \subseteq g(e)$

Podemos perceber que (iv) permite que e' seja o evento completo ($e' = e$) ou um estágio qualquer ($e' \subseteq e$). Por isso, diferentemente do operador progressivo, o operador perfectivo não exige estágios próprios, permitindo que eventos atômicos (como aqueles denotados por verbos do tipo *achievement*) satisfaçam os requisitos sem coerção².

3 Em α tempo e o *telos*

Rothstein (2004) explora o uso do adjunto *in α time* no contexto da aspectualidade e telicidade das expressões verbais. Segundo a autora, um predicado perfectivo denota um evento necessariamente télico, e a adição de *in α time* especifica que o evento é completado dentro de um intervalo de tempo definido por α . Por exemplo, em construções como *Mary built a house in a year* ('Mary construiu uma casa em um ano'), a presença de *in α time* demonstra a conclusão do evento de construção da casa dentro do tempo de um ano. Essa abordagem assume que *in α time* revela a natureza télica intrínseca ao predicado verbal.

Basso e Pires de Oliveira (2010) argumentam que o adjunto *em α tempo*, quando aplicado a VPs perfectivos, pressupõe a existência de um *telos*, mas esse *telos* não é necessariamente garantido apenas pelo VP. Por exemplo, em João construiu uma casa, a perfectividade indica que o evento deixou de progredir, mas não implica automaticamente que

²Coerção é o processo linguístico pelo qual uma expressão é ajustada para se alinhar às exigências semânticas ou contextuais, mesmo diante de uma incompatibilidade aparente.

o *telos* foi alcançado (que a casa foi completamente construída). O adjunto *em α tempo*, por sua vez, mede o tempo do evento e, além disso, força uma leitura télica. Assim, uma frase como João construiu uma casa em um ano alcançaria o *telos* não devido ao VP, mas à exigência do adjunto. Dessa forma, a análise critica abordagens que vinculam rigidamente VPs de *accomplishment* a uma interpretação intrinsecamente télica do verbo, argumentando que o adjunto opera modificando ou reforçando o aspecto do evento, conectando-o a um *telos*. Assim, *em α tempo* não apenas descreve a duração de eventos télicos, mas também impõe um *telos*.

Altshuler (2014), como sua proposta de operador partitivo deixa claro, também argumenta que um VP perfectivo não implica necessariamente a culminação (ou *telos*) de um evento (pelo menos no mundo atual), contestando a visão tradicional de que a perfectividade está intrinsecamente vinculada à completude. Ele sugere que a perfectividade está mais ligada à exigência de um estágio maximal imposta por operadores perfectivos, e não à exigência do *telos*. Assim, a relação entre perfectividade e culminação é contingente, e não essencial, dependendo de operadores gramaticais específicos em cada língua.

Além disso, Altshuler (2014, p. 739) defende que o *telos* pode surgir como implicatura devido a uma competição com outros marcadores aspectuais na língua. Essa implicatura ocorre quando há *alternativas concorrentes* — outras construções ou operadores disponíveis na língua — que tornam mais saliente a interpretação de culminação para uma dada sentença. Ele observa que a presença de modificadores contextuais ou outras expressões que delimitam eventos pode influenciar a interpretação aspectual ao interagir com operadores e com a semântica do VP. Esses modificadores contribuem para reforçar ou cancelar a implicatura da culminação. Assim, a interpretação não depende exclusivamente do operador aspectual, mas resulta de uma composição semântica do VP com outros constituintes da sentença e do contexto discursivo.

Essa perspectiva aproxima-se da proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010), que rejeita a ideia de que a interpretação aspectual resulte apenas do tipo de evento veiculado pelo VP. Mas enquanto Altshuler (2014) sugere que a culminação pode surgir como implicatura devido à interação entre operadores aspectuais e modificadores, para Basso e Pires de Oliveira (2010), a presença do adjunto *em α tempo* orienta a interpretação e pressupõe que o evento seja interpretado como culminando: se o predicado já contém um *telos*, o adjunto mede o tempo até atingi-lo; se não, “algum tipo de acomodação de pressuposição entra em jogo” (Basso e Pires de Oliveira, 2010; p. 89).

Entendemos, dessa forma, que o modelo de Altshuler (2014) oferece uma abordagem semântica que pode contribuir para esclarecer a relação entre VPs de *accomplishment* e o alcance do *telos* no PB. Sua formalização do operador perfectivo como um mecanismo que não exige culminação no mundo atual apresenta uma alternativa ao modelo de Rothstein (2004), que assume um vínculo mais rígido entre perfectividade e telicidade. Além disso, sua abordagem complementa a proposta de Basso e Pires de Oliveira (2010), ao fornecer uma base formal para compreender como esses adjuntos podem reforçar pragmaticamente a expectativa de culminação, sem que ela esteja semanticamente garantida pelo VP.

4 Aplicação do modelo de Altshuler ao PB e o adjunto em α tempo

A formalização do operador perfectivo de Altshuler (2014) e a análise realizada por Pires de Oliveira e Basso (2010) oferecem perspectivas complementares sobre a relação entre perfectividade, telicidade e o adjunto em α tempo. Enquanto Altshuler (2014) propõe que o operador perfectivo mapeie conjuntos de eventos do VP para seus estágios maximais, Basso e Pires de Oliveira (2010) defendem que o adjunto em α tempo atua informando a duração do evento e forçando uma leitura télica, a qual não é intrínseca ao VP de *accomplishments* no PB. Essa perspectiva nos parece muito frutífera para compreender melhor o comportamento semântico de em α tempo.

Vejam, por exemplo, a sentença *Eu li um livro ontem em 2 horas*, na qual o adjunto em 2 horas fornece uma delimitação explícita do intervalo de tempo em que o evento ocorre. De acordo com o modelo de Altshuler (2014), o operador perfectivo mapeia eventos do VP para seus estágios maximais, sem exigir necessariamente sua culminação no mundo atual. Essa flexibilidade nos vem a calhar porque, no PB, dizer algo como *Eu li um livro ontem* não garante semanticamente que o livro tenha sido terminado. O adjunto em α tempo, por sua vez, delimita o intervalo de tempo durante o qual deve ocorrer, reforçando a expectativa de culminação. Formalmente, fazendo-se uso da semântica de situações, o adjunto poder ser descrito da seguinte maneira:

$$\forall e \forall \alpha [duração(e, \alpha) \rightarrow \exists e' (e' \subseteq e \wedge culmina(e, e'))]$$

Onde:

- $duração(e, \alpha)$: o evento e tem a duração de tempo α ;
- $e' \subseteq e$: e' é uma subparte de e ;
- $culmina(e, e')$: o evento e culmina em sua subparte e' .

A formalização do adjunto em α tempo mostra como ele complementa a flexibilidade do operador perfectivo de Altshuler (2014), o qual não exige culminação (no mundo atual) ao apresentar eventos. Enquanto o operador perfectivo mapeia os eventos descritos pelo VP para seus estágios maximais, o adjunto em α tempo introduz uma restrição que impõe a culminação no intervalo temporal especificado. Essa complementaridade é particularmente interessante por permitir vincular o evento à sua culminação de forma mais precisa.

5 Conclusão

Este trabalho discutiu a interação entre predicados do tipo *accomplishment*, fazendo uso do operador perfectivo modelado por Altshuler (2014), e o adjunto em α tempo do PB, à luz da análise de Pires de Oliveira e Basso (2010). A formalização apresentada mostra

como *em α tempo* impõe composicionalmente a culminação dos VPs de *accomplishment*, ao delimitar um intervalo temporal no qual o evento deve alcançar o *telos* e forçar uma leitura télica. Assim, propomos uma explicação formal para o comportamento de *em α tempo*, evidenciando seu papel na imposição da telicidade. Nossa abordagem busca contribuir para uma descrição mais precisa da semântica aspectual no PB.

6 Considerações finais

Este trabalho se restringiu à análise da interação entre o adjunto *em α tempo* e predicados do tipo *accomplishment* no PB, deixando de abordar outros elementos relevantes, como o adjunto *por α tempo* ou ocorrências de *em α tempo* com predicados de outras classes aspectuais. No entanto, reconhecemos que a tipologia de operadores aspectuais partitivos proposta por Altshuler (2014) oferece um arcabouço teórico promissor para a investigação de outras combinações entre adjuntos temporais e predicados no PB. Dada a complexidade dessas questões, sua exploração fica como sugestão para trabalhos futuros.

Referências

- ALTSHULER, D. A Typology of Partitive Aspectual Operators. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 32, n. 4, 2014. p. 735-775.
- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. 'Em X Tempo' e 'Por X Tempo' no Domínio Tempo-Aspectual. *Revista Letras*, Curitiba, v. 81, 2010. p. 77-98.
- KRIFKA, M. Nominal Reference, Temporal Constitution and Quantification in Event Semantics. In: RENZI, L.; DI SCIULLO, A.-M. (ed.). *Semantics and Contextual Expression*. Dordrecht: Foris, 1989. p. 75-115.
- KRIFKA, M. The Origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, S. (ed.). *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998. p. 197-235.
- LANDMAN, F. The Progressive. *Natural Language Semantics*, v. 1, p. 1-32, 1992.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R. M. Sobre a Semântica e a Pragmática do Perfectivo. *Revista Letras*, Curitiba, v. 81, 2010. p. 123-139.
- RODRIGUES DE SOUZA, N. *A Acionalidade e os Medidores de Tempo no Português Brasileiro: experimentos de aceitabilidade e de interpretação*. 2018. Monografia (Graduação em Letras Portugêses) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.
- SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.
- VENDLER, Z. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, v. 66, n. 2, 1957, p. 143-160.

AUTORIA**Uiara do Nascimento Nunes (UFSC)**

Conceitualização; Investigação; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição; Análise Formal; Validação

Leonardo Alves (UFSC)

Conceitualização; Investigação; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição; Visualização

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 14/4/2025

Aceito em: 28/8/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITARNUNES, Uiara do Nascimento; ALVES, Leonardo. Em busca do *telos*: 'em α tempo' e operadores aspectuais no português brasileiro. **Caderno de *Squibs***: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 2, p. 47-56, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*